



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Política Social e Serviço Social

Sub-eixo: Políticas para Infância e Juventude

“HOMEM NA ESTRADA”: TRAJETÓRIAS DE JOVENS EGRESSOS DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

THAYWANE DO NASCIMENTO GOMES¹

LEONARDO RODRIGUES DE OLIVEIRA ORTEGAL²

RESUMO

Apresenta discussão e resultados de pesquisa sobre o acompanhamento pós medida socioeducativa de internação. Objetivou-se compreender as trajetórias de três jovens do Distrito Federal, partindo de suas histórias de vida e de suas vivências na restrição de liberdade, além da experiência pós-medida. Discute, por fim, propostas e sugestões para o desenho de uma política de acompanhamento ao egresso.

Palavras-chaves: Socioeducação; Egressos; Privação de Liberdade, pós-medida socioeducativa; ato infracional

ABSTRACT

This study presents a discussion and the results of research on post-internment socioeducational measure follow-up. The objective was to understand the trajectories of three young people from the Brasília, based on their life stories, experiences in restricted freedom, and post-measure experience. Finally, it discusses proposals and suggestions for designing a follow-up policy for former “detainees”.

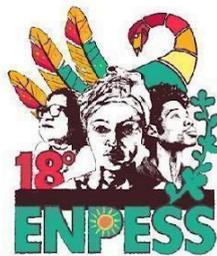
Keywords: Socioeducation; Former detainees; Deprivation of liberty; Post-socioeducational measure; Delinquent act

1- Introdução

A compreensão de socioeducação deve ser ampliada para além dos muros das unidades de cumprimento de medida socioeducativa de internação. Afinal de contas, o tal “projeto de vida”

¹ Universidade de Brasília

² Universidade de Brasília



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

do qual tanto se fala no âmbito da socioeducação adquire ou não concretude quando o jovem atravessa os portões da instituição e retorna para a sua comunidade. Até onde vai o fazer socioeducativo?

O título deste trabalho faz referência à música *Homem na estrada*, do grupo Racionais MC's, fazendo uma analogia para falar acerca do jovem que sai da restrição de liberdade e precisa caminhar sozinho em busca de outra trajetória, mas que retorna para o mesmo contexto social, com os mesmos problemas. Tudo o que ele tem é sua liberdade³.

Ainda é recente e incipiente o número de pesquisas acerca dos percursos de jovens que passaram pela medida socioeducativa de internação. No levantamento bibliográfico realizado, encontramos o foco na reincidência, porém essas pesquisas não buscaram compreender as nuances do não rompimento com a trajetória infracional e ouvir as vivências dos jovens que saíram do cárcere. No caso do Distrito Federal, um estudo realizado pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT, 2016) analisou processos judiciais 12 meses após a liberação da medida socioeducativa. A amostra foi formada por dados de 283 egressos entre 2011 e 2013. Contudo, a aludida pesquisa não entrou em contato com os jovens, toda a metodologia deu-se a partir do cruzamento de dados dos arquivos da Unidade de Internação do Plano Piloto (UIPP) com posteriores processos judiciais.

Conforme o TJDFT (2016), as taxas de reincidência foram maiores para os egressos que foram liberados da medida socioeducativa sem receber progressão para a liberdade assistida. Em consonância com isso, Diniz (2017) aponta que após 19 meses, 9 das 18 adolescentes que acompanhou na medida socioeducativa de internação haviam passado pelo sistema prisional. Portanto, compreendemos que é necessária a construção de estratégias e políticas públicas para acompanhar esse jovem que sai da medida, pois “o tempo da medida é de ócio e espera, quando não de desespero. O fim da medida é o retorno ao tempo anterior, de desamparo” (DINIZ, 2017, p. 65).

Por falar em *tempo*, conforme apontam as pesquisas do Instituto Sou da paz (2017) e do TJDFT (2016), apesar das reiteradas tentativas de reduzir a idade penal e aumentar o período

³ A liberdade é uma categoria complexa e com vários sentidos. Será que numa sociabilidade capitalista conseguimos ser livres? No caso da música citada, a liberdade do “Homem na estrada” é a mera ausência da prisão, considerando que todo o contexto social continua inalterado e sem propiciar acesso às políticas públicas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de encarceramento para adolescentes, os estudos sobre egressos e reincidências apontam que internações mais longas não retardam ou evitam o retorno ao contexto infracional. Adianta permanecer 10 anos em privação de liberdade sem a possibilidade de uma educação para a vida e profissionalização? Segundo as tais pesquisas, o encarceramento em si não produz efeitos significativos para a mudança de trajetória dos sujeitos, quando não há acesso a recursos concretos para uma reconstrução de trajetória, haja vista a multidimensionalidade da violência e a necessidade de se construir possibilidades preventivas.

Dito isso, o foco deste trabalho não é as reincidências ou morte dos jovens egressos da medida socioeducativa de internação, pelo contrário, concentramo-nos nas trajetórias de sobrevivência de jovens que saíram da aludida medida socioeducativa. A pesquisa realizada é alicerçada em um exposto posicionamento ético e político. Por isso, busca compreender as potencialidades e pontos a serem aprimorados no sistema socioeducativo, na direção de uma socioeducação emancipadora, corresponsável e que enxergue o jovem como sujeito social capaz de refazer sua trajetória de vida (ORTEGAL, 2021).

No cotidiano das instituições socioeducativas, percebemos desesperança em alguns/mas trabalhadores/as, que não conseguem enxergar o sentido do seu trabalho e uma sensação de que a trajetória dos adolescentes institucionalizados já está escrita e terá um final trágico. Consequentemente, isso reverbera naqueles que estão cumprindo medida socioeducativa.

Este trabalho tem a esperança como guia. Não um esperar ingênuo e descontextualizado da realidade social, mas que demarca que há possibilidades e a necessidade de luta (FREIRE, 1992; SOARES, 2006). Atrélado a isto, a grande tecnologia empreendida nesta pesquisa é o vínculo. O vínculo socioeducativo ético, profissional e criticamente solidário. Todos os jovens que participaram desta pesquisa tiveram, em algum momento, contato com estes pesquisadores quando estavam na restrição de liberdade, e que perdurou para além das grades.

Objetivando aqui compreender as trajetórias de jovens egressos da medida socioeducativa de internação do Distrito Federal, partindo de suas histórias de vida, das suas vivências na restrição de liberdade, de como foi a saída da unidade de internação, com quem puderam contar e as suas sugestões para o desenho de um acompanhamento ao egresso.

Escolhemos trabalhar numa perspectiva de romper com a linguagem tecnicista e supostamente neutra das pesquisas acadêmicas. As histórias de vida desses jovens requerem



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

dispositivos que alcancem a potência e a vivacidade, que foi possível ao trazer o RAP como norteador dos diálogos, mas também como arcabouço para a escrita desta pesquisa. Nas mesmas trilhas abertas pelo saudoso Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, as referências deste trabalho e dos/as pesquisadores/as que o escrevem estão para além da universidade. Estão no mundo, na sobrevivência e na circularidade (SANTOS, 2018). Este trabalho não foi escrito somente para circular entre os muros invisíveis da universidade. Pretendemos que ele alcance outros espaços e possa ser acessado pelos adolescentes institucionalizados, pelos/as trabalhadores/as do sistema socioeducativo e por quem se interessar por estas questões.

2- Caminhos teóricos, metodológicos e ético-políticos

Rá-tá-tá-tá, mais um metrô vai passar

Com gente de bem, apressada, católica

Lendo jornal, satisfeita, hipócrita

Com raiva por dentro, a caminho do Centro

Olhando pra cá, curiosos, é lógico

Não, não é não, não é o zoológico

Minha vida não tem tanto valor

Quanto seu celular, seu computador

(Diário de um detento- Racionais MC's)

Ao longo de nossas trajetórias profissionais no âmbito do sistema socioeducativo, nos deparamos com os mais diversos pesquisadores/as e estudantes universitários/as, muitos deles/as despreparados/as, adentrando unidades de internação com o intuito de transformar radicalmente aqueles espaços por meio de seus trabalhos acadêmicos. As condutas nos processos de pesquisa, muitas vezes careciam de cuidado, e do compromisso com um trato junto àqueles jovens, considerando sua integralidade. Ainda é comum que pesquisas acadêmicas, muitas vezes legitimadas do ponto de vista da ética formal, resumam sua atenção à mera coleta de dados. Certa vez, um dos próprios adolescentes institucionalizados um dia perguntou: “Será que eles acham que aqui é zoológico?”.

A partir dos ensinamentos de Antônio Bispo dos Santos (2018) é preciso contracolonizar o nosso existir, e isso também diz respeito a modificar os modos rígidos e cartesianos de se fazer pesquisa. Qual instrumento científico seria capaz de mensurar a vida de uma pessoa? Por isso, na presente pesquisa empreendemos o *vínculo*, que é uma ponte invisível, complexa de se



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

construir, principalmente num contexto permeado de desconfianças e relações que não são acolhedoras. Ele requer tempo, paciência, profissionalismo e afetividade. Mas, quando consolidado, o vincular mostra-se como uma ferramenta poderosa e democrática de fazer ciência e transformação (COSTA, 2001).

Para a realização desta pesquisa, duas categorias foram basilares para compreender as trajetórias dos jovens egressos da medida socioeducativa de internação, a *historicidade* e a *totalidade*. Nessa última, busca-se compreender o sujeito social em integralidade, pois, quando se considera de modo isolado a violência social, a subjetividade do adolescente, o atendimento socioeducativo ou qualquer outra dimensão, “o objeto fragmentado vela a realidade, escondendo os problemas mais significativos” (PAES & SILVA, 2018, p. 74). Dessa maneira, partimos da compreensão de que o sistema socioeducativo e seus desdobramentos não são um objeto fechado, mas uma instância em confluência com os interesses dominantes e contexto econômico, social e político.

Já a historicidade demarca que o jovem se encontra localizado em um contexto histórico atravessado por correlações de forças, contradições e disparidades sociais,

O adolescente não produziu a si mesmo; é um ser de relações históricas e sociais que, mesmo ativo na produção da sua vida e seu mundo, já o encontrou num estágio muito desenvolvido quando aqui chegou. Sua família, os grupos de sua sociabilidade, as instituições sociais e o sistema capitalista já estavam desenvolvidos quando nasceu. O tempo em que um ser humano vive é infinitamente pequeno em relação ao desenvolvimento ontológico da humanidade. Isolar o adolescente da realidade histórica é manter uma concepção irreal, não científica e perversa sobre quem verdadeiramente é o adolescente que cometeu atos infracionais e cumpre uma medida socioeducativa (PAES & SILVA, 2018, p. 74).

Portanto, o foco nesta pesquisa foi a investigação e problematização da realidade social do sujeito, abrangendo não apenas o ato infracional como um fato em si, mas também os valores e as implicações que permeiam e constituem esse fato, e a realidade na qual este encontra-se inserido (BAUER & GASKELL, 2007). A pesquisa teve caráter qualitativo, visto que era o caminho mais adequado para a compreensão da realidade em questão, e para a construção de um estudo voltado para as trajetórias dos jovens egressos do sistema socioeducativo do Distrito Federal.

Optamos nesta pesquisa por trabalhar com histórias de vida, por acreditar que a experiência vivida é uma poderosa forma de conhecer e desvelar a realidade. Além disso, como bem traduz o quilombola Nêgo Bispo (SANTOS, 2018, p. 51), para enfrentar o colonialismo e a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

colonialidade da vida, é preciso “[...] reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes. E quem é capaz de fazer isso? Nós mesmos!”, na circularidade e na diversidade da dialética da vida.

Conforme Durand (2019), trabalhar com história de vida é permitir o encontro, o laço, a vocalização, que além das palavras traz à tona emoções e memórias. Para essa autora, essa modalidade coloca o humano no centro e faz com que ele conduza o momento. Ou seja, há uma horizontalidade que possibilita acessos, reflexões, contato e a potencialização da história individual. Afinal de contas, quando a pessoa fala de si, ela diz de territórios, fenômenos e fatos sociais.

Considera-se que a vida dos adolescentes que passam pelas medidas socioeducativas orbita em torno de violências, pois ele “sofre a violência que vem da rua, dos policiais, dos amigos, da instituição que o internou, da falta de perspectiva de vida” (PENSO *et al*, 2012, p. 110). Como se conectar a experiências marcadas por fragilização dos vínculos sociais, afetivos, relacionais e de pertencimento social? Como conversar com esses jovens?

Para tal feito, acreditamos que os diálogos mediados por um rap poderia ser motivador e possibilitar uma conversa fluida e profunda. Utilizamos a música “Azul e Branco”⁴, do rapper e ativista em Direitos Humanos, Markão Aborígene. Elencamos essa canção por apresentar os desafios de quem sai do encarceramento juvenil e retorna aos desafios cotidianos. Após ouvir a música, perguntamos aos três parceiros desta pesquisa, “como a tua vida dialoga com o que essa música apresenta?” E seguimos o encontro tendo como prumo as ponderações e histórias apresentadas pelos jovens.

Acerca dos parceiros de pesquisa, tratou-se de três de jovens do sexo masculino, que estiveram vinculados à medida socioeducativa de internação no Distrito Federal no período entre 2014 e 2019 e, voluntariamente, quiseram participar. Destacamos que em algum momento do seu percurso na medida socioeducativa, esses jovens estabeleceram uma vinculação aproximada com estes/as pesquisadores/as e os contatos permaneceram no contexto extramuros. Portanto, consideramos o vínculo entre pesquisadores/as e participantes como marcador deste trabalho, propiciando uma maneira politicamente implicada e em consonância com a historicidade individual e coletiva destes sujeitos.

3- Achados de pesquisa

⁴ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tTJfb9iaiEA>



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Na presente pesquisa optamos por falar em achados de pesquisa e não resultados, considerando que estamos tratando de vidas e não números. A seguir, dividimos as narrativas dos parceiros de pesquisa em eixos de sentidos, que desenham um caminho para compreender as trajetórias e percepções dos mesmos sobre a medida socioeducativa e a saída da unidade de internação.

3.1. *“Ter no que se segurar”*: a saída da medida socioeducativa e a rede de apoio

Quem trabalha com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação sabe que a liberdade é considerada como a solução para todos os problemas e esperada com ansiedade. Entretanto, no período em que estavam na unidade de internação, a realidade das famílias e comunidades continua inalterada ou em situação pior. T. M., adolescente que estava em cumprimento de medida socioeducativa e teve sua fala publicizada em produção do Instituto de Estudos Socioeconômicos, (INESC, 2019, p. 3) relata: “quando somos desligados da medida, a oportunidade que a quebra nos dá é esta: a vida do crime”. Como sobreviver a essa conjuntura? Quais estratégias os parceiros desta pesquisa utilizaram para contornar as adversidades que se apresentam no pós medida socioeducativa?

Todos os jovens que participaram desta pesquisa assinalaram o sentimento prazeroso ao passar pelo portão da instituição, como o apresentado na música mediadora, “Nunca vi o céu tão lindo, o ar aqui tá diferente/ Mal lembrava como era andar com as mãos pra frente/ E a cabeça erguida (Markão Aborigene, 2018). Todavia, rapidamente essa sensação é substituída por desafios e preconceitos, que já começam no ônibus voltando para casa.

Como narra Markão Aborigene (2018), “não tenho tatuagem, mas sinto o julgamento”, os jovens egressos que participaram desta pesquisa relataram os olhares desconfiados ao perceberem que o adolescente egresso do sistema socioeducativo estava vestido de branco entrando no ônibus, além disso, um dos participantes nos contou que perdeu o trabalho após o empregador saber que ele havia passado pelo sistema socioeducativo.

Dialogando com o supracitado, Vania Fernandes Silva (2005) traz que se exige dos jovens que passaram pelo sistema socioeducativo a sua reintegração, mas não é exigido que a sociedade desmistifique as crenças que impede o convívio social daqueles que saem da medida socioeducativa de internação. O sentido de cura e reforma moral que se cobra desses jovens deve ser substituído pela transformação das condições que assolam a vida do adolescente e no



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

investimento em suas potencialidades (COSTA & ASSIS, 2006).

A partir das narrativas dos jovens, percebemos que “três Ds” aparecem no caminho do egresso da medida socioeducativa de internação: a dependência, a desistência e a descrença. Essas categorias não estão desconectadas nem são lineares, elas podem se retroalimentarem ou caminharem juntas.

A *dependência* financeira dos familiares e dos amigos é algo que impacta o jovem que sai da medida socioeducativa de internação. Como depender de alguém até para cortar o cabelo? Isso mexe diretamente com a autoestima e a subjetividade, pois em um contexto capitalista, a existência acaba ligando-se ao poder de consumo. Além disso, socialmente cobra-se da juventude periférica autonomia, amadurecimento e independência. Para quem é da periferia não se é dado tempo para estudar e investir na carreira, é preciso sobreviver e ajudar desde a infância nas despesas domésticas.

O egresso do sistema socioeducativo precisa lidar com a total dependência, como será visto a seguir,

“É difícil, mesmo. Eu estava na casa da minha tia sem trabalhar e sem poder ajudar. Então, eu tava com a mente daquele jeito [...] Quando eu saí tive que aceitar os moleques lá, os brothers pagar corte de cabelo, fazer um lanche. Porque era isso, começar do zero” (Parceiro de pesquisa 1).

O *desistir* é uma constante durante nas vivências desses jovens, considerando que a vida não se resolve automaticamente com a saída da unidade socioeducativa. A desistência apresenta-se de duas maneiras: 1- como uma possível volta para o contexto infracional e 2- ter que abrir mão de cursos técnicos e faculdade para ingressar no mercado de trabalho. Os reajustes são corriqueiros, mesmo para aqueles que já saíram há algum tempo. A vida demanda um tempo para se organizar, levando em conta que os jovens saem com pouca capacitação e/ou experiência no mercado de trabalho,

“A gente tem mesmo chance, isso é verdade. Só que a chance, quando você conquista ela, você tem que querer mesmo. Porque antes dela vai vim muitos nãoos, um monte de coisas negativas, para que você possa desistir” (Parceiro de pesquisa 1).

“Eu quase desisti, quase peguei droga para vender. Morando de favor, não tinha dinheiro para cortar o cabelo, sem poder ajudar em nada” (Parceiro de pesquisa 1).

Sinalizamos aqui uma marca das histórias de vida aqui apresentadas, em alguns momentos, eles tiveram que desistir da capacitação profissional para poder trabalhar. Afinal de contas, não há como focar em ingresso no ensino superior sem ter o que comer. Não faltam



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sonhos, mas vontade política e mobilização social para assegurar o acesso pleno aos direitos sociais básicos. De acordo com Azevedo e Amorim (2017), o projeto de futuro desses jovens é atravessado pelas necessidades concretas, como a de renda, que se materializa na urgência de ter um trabalho e ajudar a família.

Construir projetos de vida do lado de dentro dos muros da unidade é uma coisa, a concretização disso na realidade é outra. Um dos nossos parceiros de pesquisa explanou sobre isso, o desejo de mudança genuíno de alguns adolescentes, mas surge a inviabilidade no contexto extramuros, *“porque o menino quer fazer as coisas, mas não tem condições de fazer, não tem condições de correr atrás, não sabe a quem recorrer”* (Parceiro de pesquisa 2). Olhar corroborado por Schmidt (2011), ao explicar sobre as dimensões da expectativa de mudança nas vicissitudes desses jovens, num planejamento estando distanciado da realidade e a consciência de que o sonho não perdurará frente à realidade. Levando-nos a questionar qual liberdade é promovida nessas vidas? *“Serão livres, sim. Do Estado que proporciona a prisão, mas não proporciona direitos que possibilitem a esse adolescente e à sua família, emancipação humana¹¹”* (IDEM, p. 94).

No terceiro D, os jovens tiveram que lidar com a *descrença* de familiares, vizinhos e amigos, como se seus itinerários estivessem fadados ao contexto infracional. Como podemos visualizar nos fragmentos abaixo,

“Isso é porque ele acabou de sair, já volta para o corre. Não tem jeito mais” (Parceiro de pesquisa 1)

“Olha lá fulano que tava preso. Muitas vezes não sabe como tá a mente do cara, se ele tá querendo mudar. Não procura te escutar, te dá um incentivo. Só procuram te julgar” (Parceiro de pesquisa 2).

Entretanto, após algumas escolhas e organizações, a trajetória dos jovens começa a entrar no eixo. *“No começo foi duro mesmo, difícil. Mas, depois começou a dar certo, foi mal. Acontece uns probleminhas, mas nada que faça parar. O começo é tão truncado, tão batido, sofrido e tal [...]”* (Parceiro de pesquisa 1). Ou seja, não há um tempo fixo para que isso ocorra, uns demoraram um ano, outros seis meses e outros continuam tentando. Portanto, como assinalado por Costa e Assis (2006), o sistema social tem que se tornar resiliente para possibilitar a superação do impacto negativo do histórico de fracassos e o desenho de formas criativas e positivas para dar continuidade ao existir desse jovem, valorizando seu protagonismo num projeto coletivo de cidadania.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Uma repetição que apareceu nos relatos dos jovens foi uma rede de apoio voluntária formada por servidores/as do sistema socioeducativo (agentes socioeducativos, pedagogas, assistentes sociais). Em momentos, unidades socioeducativas e com profissionais diferentes, redes de sustentação foram construídas para acompanhar os jovens para além dos muros das unidades. O que será que mobilizou esses/as profissionais? Autonomamente, alguns trabalhadores socioeducativos acabaram realizando um acompanhamento ao egresso, mostrando que a orientação e uma relação de confiança são primordiais. Sobre essa rede, o parceiro de pesquisa 1 apontou que *“foi um acompanhamento. Eu turrando⁵ eles, mas foi”*, ou seja, como o Estado está distante resta a esses jovens contar com os seus contatos (SCHMIDT, 2011).

Conforme Costa e Assis (2006), a realidade de vários adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa mostra a ausência de figuras representativas e vínculos consistentes, mas isso se modifica na aplicação da medida socioeducativa, pois o estabelecimento socioeducativo acaba, por vezes, tornando a fonte de apoio social mais próxima e organizada da vida desse jovem. Tal cenário pode favorecer uma vinculação entre o adolescente e sua família, comunidade e pares.

Esses/as profissionais acabaram sendo ponte para que os egressos compreendessem a lógica das inscrições em cursos e trabalho. Por mais simples que possa parecer, são recorrentes os pedidos de explicação de como funciona o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como fazer um currículo, como se manda um e-mail. *“Como é que o moleque fica sabendo de processo seletivo, de curso, de vagas de emprego? O moleque não tem contato com nada”* (Parceiro de pesquisa 1).

Contudo, além da dimensão orientativa dos aspectos burocráticos da vida extramuros, o caráter afetivo e norteador da rede é tido como basilar para esses jovens. No caso do parceiro de pesquisa 2, a rede solidária que o acompanhava perguntava como estava o seu andamento, como ele estava, inclusive psicologicamente. Ele relatou que esses/as profissionais o incentivam, davam conselhos e sinalizavam qual caminho seguir, *“são pessoas com experiência. Estou seguindo as pegadas das pessoas que eu venho andando”*. Na consolidação de projetos de vida é primordial o apoio de figuras de referências para encorajar esses jovens a estabelecerem itinerários mais saudáveis e felizes (COSTA & ASSIS, 2006).

⁵ Expressão que significa ‘insistência’.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

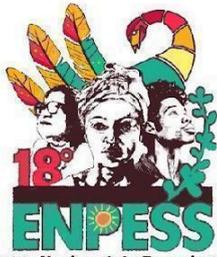
O parceiro de pesquisa 3 também apontou servidores que o acompanharam na medida socioeducativa de internação como pessoas com as quais podiam dialogar quando passou a ser egresso, com destaque para professoras da penúltima instituição socioeducativa em que passou. Portanto, percebemos que a rede é operada sem recursos financeiros, mas com disponibilidade e cuidado, fortalecendo o jovem quando os 3Ds se intensificam, *“essa rede foi muito importante. Tem momento que dá vontade de desistir. Tem momento que é difícil, você recebe vários nãoos. Então, com essa rede, eu sempre buscava recorrer e perguntar qual era a melhor opção”* (Parceiro de pesquisa 1).

O encontro desses jovens com a rede solidária constitui o que Costa (2006) chama de retorno à condição de sonhador, na qual o adolescente vê-se participante de um projeto coletivo. Mas, porque não falar que esse contato com os egressos também restitui a possibilidade de sonhar dos/as trabalhadores/as do sistema socioeducativo? Afinal de contas, o cotidiano das unidades socioeducativas impacta a subjetividade e embrutece os/as profissionais. Ter contato com os jovens egressos acaba sendo protetivo e promotor de esperança, ao propiciar que o fazer socioeducativo ganhe um sentido político e com foco nas vidas dos adolescentes atendidos.

Nas narrativas de dois jovens, o Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal (CDCA) emergiu como um espaço importante de contatos e ampliação da rede de apoio. Bem como, um momento de socializar com pessoas diferentes e fora das engrenagens infracionais. Esses dois jovens foram em temporalidades diferentes representantes do sistema socioeducativo junto a esse Conselho. Destarte, depreendemos a potencialidade de ambientes políticos e diversificados no acompanhamento aos jovens egressos.

Dentro do bojo de acalentos no percurso do egresso do sistema socioeducativo, o trabalho mostra-se como basilar para a consolidação de outro projeto de vida. O parceiro de pesquisa 1 apontou como mais difícil no seu caminho, a falta de emprego e oportunidades. Corroborando com isto, o parceiro de pesquisa 3 assinalou a inserção no mercado de trabalho como fundamental para rompimento com o contexto infracional.

As trajetórias aqui apresentadas rompem com a lógica do senso comum de que o jovem egresso é o único responsável pelo seu caminhar. Como disse o parceiro de pesquisa 1, é preciso querer, mas o desejo precisa estar atrelado ao apoio. É necessária uma coletividade diversa (família, profissionais especializados, CDCA) que acolha e auxilie nas reflexões e compreensões da vida extramuros. Essa é uma das pistas para a construção de uma política de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

acompanhamento ao egresso da medida socioeducativa de internação. Não basta a inserção no mercado de trabalho ou bolsa de remuneração; o direcionamento de pessoas disponíveis e de confiança é importante para sinalizar os passos para o “homem na estrada”.

3.2. Como deveria ser o acompanhamento ao egresso?

Nenhum dos jovens desta pesquisa foi acompanhado por programa de acompanhamento ao egresso do sistema socioeducativo. Como já sinalizado, apesar dos apontamentos em diversas legislações e documentos, não há uma política consolidada que acompanhe aqueles que saem da medida socioeducativa de internação no Distrito Federal. Um dos objetivos da presente pesquisa foi possibilitar que os jovens egressos apresentassem ponderações acerca de como deveria se estruturar uma política de acompanhamento. Entendendo que é urgente reinventar formas de intervenção que fujam da tutela, trazendo à tona possibilidades para a socioeducação, que promovam as corresponsabilidades e considere as resistências (ASSIS & AMORIM, 2017).

As sugestões dos jovens convergiram em diversos aspectos, principalmente acerca do trabalho e da profissionalização, numa preparação ainda intramuros. Isso significa que o foco da medida socioeducativa de internação deve ser a liberdade, a vida fora dos muros, não o encarceramento. Dialogando com isso, Silva (2005) sinaliza a falta de preparação dos adolescentes para a saída da instituição após um período afastado do convívio comunitário,

A instituição após mortificar o eu, desfigurar pessoalmente o adolescente tratando-o como um número, obrigando-a andar de cabeça baixa e mãos para trás, roubando-lhe a identidade, devolvendo-o por ordem judicial à sociedade, torcendo para que ele possa caminhar sozinho sem cair na reincidência, mesmo sem manter nenhum programa para apoio e acompanhamento ao egresso (p. 108-109).

Para eles, o acompanhamento deveria ter um caráter pedagógico, com foco na escolarização e olhar cuidadoso para as evasões escolares. Dessa maneira, acompanhar diz respeito a permanecer ao lado, sem um caráter policialesco e de conferência de comportamentos. Um aspecto forte nas sugestões foi a construção de espaços promotores de ampliação de repertório de mundo (“*O mundo não é só aquilo que eu pensava*”- parceiro de pesquisa 1). Levando em conta que os itinerários dos jovens que passam ao ato infracional são limitados e acabam tendo como cenário único, a comunidade onde residem. Ou seja, esse adolescente não transita em muitos espaços sociais e isso acaba cristalizando sonhos, concepções e possibilidades.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Outro elemento sugerido para compor o acompanhamento de egressos da medida socioeducativa de internação é o direcionamento prático acerca da vida fora do contexto infracional, mas, principalmente, direções que permitam o rompimento da solidão. Considerando essas ponderações, pode-se pensar na construção de um acompanhamento a partir de uma lógica de mentoria, em que pessoas de confiança e com qualificação possam ser tutores desses jovens egressos,

“Criar uma política de acompanhamento ao egresso, para direcionar, mostrar processos, apoio para não ficar perdido, ter uma pessoa para conversar. Para não ficar jogado” (Parceiro de pesquisa 1).

“O menino sai do socioeducativo, ele não tem um norte para seguir. Ele não tem determinada trajetória para seguir. Então, o acompanhamento seria importante para dá um incentivo. [...] Porque não existem esses programas para quem sair, eles estão mais voltados para quem está no cumprimento da medida e esquecem desses meninos que estavam no sistema socioeducativo, que são egressos e por essa falta de acompanhamento, a maioria acaba reincidindo” (Parceiro de pesquisa 2).

Esse esquecimento trazido pelo parceiro de pesquisa 2 também é uma ponderação feita no trabalho de Prado (2014). O desacompanhamento do egresso além de ser uma falha no processo socioeducativo, é sentido por um dos adolescentes da supracitada pesquisa como uma queima de arquivo, que após a saída é destruído e não se tem mais nenhuma responsabilidade. No cotidiano das instituições socioeducativas, observamos uma rede de comunicação entre profissionais que funciona muito bem para falar das reincidências e assassinatos, mas um certo descaso, descrença e/ou desconhecimento acerca das trajetórias de sobrevivência.

Considerações finais

“Eu acredito no poder da socioeducação, eu sou um fruto disso” (Parceiro de pesquisa 1). As histórias de vida apresentadas nesta pesquisa mostraram como os percursos desses jovens são perpassados por desistências, persistências e reexistências. O existir não era fácil antes do cumprimento da medida socioeducativa, e permaneceu não sendo com a liberação judicial. A liberdade não significa acesso à educação, trabalho e demais direitos. Pelo contrário, eles tiveram que caminhar e continuam caminhando para sobreviver e romper ciclos de exclusão.

A pesquisa demonstra a urgência da consolidação de uma política pública de acompanhamento aos egressos do sistema socioeducativo do Distrito Federal. São louváveis as iniciativas voluntárias de servidores/as no caminhar junto a esses jovens. Mas, temos o dever de ampliar isso. As ações pontuais desses socioeducadores nos trazem pistas de como deve ser o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

desenho de uma política para esse recorte populacional, profissionalização e escolarização são basilares, mas afeto também.

Partindo das narrativas dos parceiros deste trabalho percebemos a potencialidade do CDCA como possibilitador de ampliação de horizontes. A participação dos jovens como delegados representantes propiciou o contato deles com outras juventudes e com perspectivas de vida para além das impostas aos adolescentes periféricos. Dessa maneira, sugerimos a construção de uma política de acompanhamento ao egresso que insira o CDCA como parte orgânica do processo e não só deliberativa.

Como os finais são sempre possibilidades de recomeçar, convidamos pesquisadores, trabalhadores/as do sistema socioeducativo e demais pessoas interessadas a olharem e construir estratégias acolhedoras para os jovens que são egressos da medida socioeducativa de internação. É importante sabermos sobre as reincidências, mas é mais necessário conhecermos as resistências.

Referências

ABORÍGENE, Markão. **Azul e Branco**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OnVwnE7z03g>.

AZEVEDO, Cinthya R. S. & AMORIM, Tâmara R. S. Adolescência e ato infracional. Violência institucional e subjetividade em foco. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, nº 3, p. 579-594, 2017.

BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2007.

COSTA, Antônio C. G. *Pedagogia da presença: da solidão ao encontro*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

COSTA, Claudia Regina B. S. F; ASSIS, Simone G. Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. **Psicologia & Sociedade**, 18(3), p. 74-81, 2006.

DINIZ, Debora. **Meninas fora da lei: a medida socioeducativa de internação no Distrito Federal**. Brasília: Letras Livres, 2017.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

DURAND, Véronique. **O uso de narrativas e história de vida na pesquisa qualitativa**. Curitiba: Nova Práxis Editorial, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

INESC, Instituto de Estudos Socioeconômicos. **Fala Quebrada**. Boletim informativo da Socioeducação/ Vozes da Cidadania/ ONDA/ DF, ano 2, nº 4, out.2019.

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Aí eu voltei para o corre- Estudo da reincidência infracional do adolescente no Estado de São Paulo**. São Paulo, 2017.

MASSON, Gabriela A. & VIEIRA, Ingrid de S. A apropriação do materialismo histórico dialético por assistentes sociais das políticas públicas de um município de pequeno porte em Minas Gerais. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, Vitória-ES, 2 a 7 de dezembro de 2018.

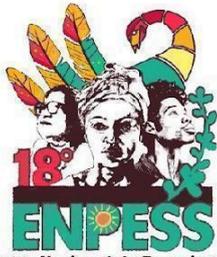
ORTEGAL, Leonardo. Práxis socioeducativa emancipadora. In: **Socioeducação como meio de responsabilização e emancipação de adolescentes**: material pedagógico. BISINOTO, C; RODRIGUES, D. (Coord.). Brasília: Faculdade UnB Planaltina, 2021.

PAES, Paulo C. D. & SILVA, Reginaldo de S. A emancipação humana e o caráter alienante das atividades socioeducativas. In: BISINOTO, Cynthia. & RODRIGUES, Dayane Silva (Orgs.). **Socioeducação: vivências e reflexões sobre o trabalho com adolescentes**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

PENSO, Maria A.; CONCEIÇÃO, Maria Inês G.; COSTA, Liana Fortunato & CARRETEIRO, Teresa Cristina O. C. **Jovens pedem socorro: o adolescente que praticou ato infracional e o adolescente que cometeu ofensa sexual**. Brasília: Editora Universa e Liber Livro, 2012.

PRADO, Anihelen Cristine G. C. **O jovem egresso do sistema socioeducativo e seu acesso a políticas sociais: como prossegue a história?** Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2014.

SANTOS, Antonio B.. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, número 12, p. 44 - 51, 2018.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SCHMIDT, Fabiana. **Adolescentes privados de liberdade: A dialética dos direitos conquistados e violados**. Curitiba: Editora Juruá, 2011.

SILVA, Vania F. **“Perdeu, passa tudo!”: a voz do adolescente autor de ato infracional**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

SOARES, Luiz Eduardo et al. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

TJDFT. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. **O efeito do tempo de internação e do histórico infracional na reincidência em um grupo de egressos da Unidade de Internação do Plano Piloto**. Brasília, 2016.